

# *Artigos*

## **Sexualidade, gênero e imagem**

# *Telenovela é coisa de mulher? a audiência masculina nas novelas brasileiras*

Roberta Manuela Barros de Andrade

## **RESUMO**

A tradição dos estudos na área das teleficções seriadas tem, indubitavelmente, eleito as telenovelas como bem cultural destinado às mulheres e que inevitavelmente aborda seu universo. No entanto, pouco se tem investigado sobre o que chamo de audiência envergonhada, aquela formada por milhares de homens, que acompanham na penumbra os desdobramentos dessa popular narrativa teleficcional.

**Palavras-chave:** telenovela, sexo, recepção

## **ABSTRACT**

*The telefiction area studies have traditionally elected the soap-operas as a culture good adressed to women and handling with their universe. None or very few researches have been developed about what I call ashamed attendance, the one formed by thousands of men, who follow these popular narratives.*

**Keywords:** soap-operas, sex, reception

## **RESUMEN**

*La tradición de los estudios en la área de las teleficciones seriales tiene indudablemente electo las telenovelas como un bien cultural destinado a las mujeres y que, inevitablemente, aborda su universo. Entretanto, hay pocas investigaciones sobre lo que llamo de audiencia avergonzada, aquella formada por millares de hombres que acompañan a la media luz los desenredamientos de esa popular narración teleficticia.*

**Palabras clave:** telenovela, sexo, recepción

Desde suas origens no rádio até os dias de hoje, as telenovelas têm sido vistas como um gênero especialmente feminino, apesar das evidências de que não são somente as mulheres que as assistem. A tradição dos estudos na área tem, indubitavelmente, eleito as telenovelas como bem cultural destinado às mulheres e que inevitavelmente aborda seu universo. A maior parte das análises de discurso a respeito deste tipo de narrativa teleficcional tem dado ênfase aos estereótipos femininos construídos em suas tramas, como o da mulher objeto, o da profissional liberal ou o da dona-de-casa. Estes estudos têm ainda enfatizado a presença em suas intrigas de elementos discursivos que reforçam a ordem patriarcal, que compelem as mulheres ao consumo, que reafirmam a discriminação sexual. Em se tratando das análises de audiência, o enfoque feminino ainda perdura. As pesquisas de recepção têm trabalhado quase que exclusivamente com informantes femininas. O eixo central dessas pesquisas gira em torno de resistências, prazeres e estratégias de consumo relacionadas ao universo feminino, em especial, aquele formado por donas-de-casa.

Apesar da importância inegável desses estudos, pouco se tem investigado sobre o que chamo de “audiência envergonhada”, aquela formada por milhares de homens, que acompanham na penumbra os desdobramentos da narrativa, que torcem fervorosamente pelas personagens, que opinam e formam juízos de valor sobre as tramas, mas que são ignorados na maior parte das pesquisas sobre o gênero. Quando muito, essas audiências oficiosas aparecem como coadjuvantes desse universo. Minha pretensão

aqui é, portanto, trazer para a clareza essa audiência masculina, dando-lhe consistência e materialidade. Neste trabalho, enfoco o modo específico como os homens entendem as telenovelas em comparação com a maneira como as mulheres compreendem esse gênero. Ao realizar tal exercício de análise, faço um paralelo entre os diferentes tipos de regimes de assistência encontrados no ambiente doméstico, estabelecendo suas distinções e entrecruzamentos a partir de um viés de compreensão que se centraliza na questão sexual.

O discurso que fundamenta a idéia de que a telenovela é um gênero essencialmente feminino encontra respaldo no próprio universo feminino. As mulheres costumam fazer uma classificação dos gêneros televisivos tendo como base um modelo de comportamento que rege o seu próprio universo, tanto quanto o universo masculino. Neste esquema operatório, as mulheres, mais emotivas, prefeririam as novelas; os homens, mais racionais, os telejornais e programas esportivos; as crianças, ingênuas, os desenhos animados. Este modelo classificatório foi percebido na maior parte dos depoimentos, e se exemplifica na fala de Rosângela<sup>2</sup>, 60 anos e dona-de-casa:

*- Telenovela é coisa de mulher mesmo. Homem gosta é de jornal, programa policial, esporte sabe, futebol, essas coisas. Acho que é porque combina mais com eles. Sei lá, a gente gosta mais de história melosa, de chorar, de se emocionar, e você sabe, né? Homem que é homem acha besta esse negócio de chorar.*

No entanto, as evidências empíricas têm mostrado o equívoco desta proposição. Em minha pesquisa, os homens aparecem como partícipes entusiasmados das tramas, ainda que, para muitos informantes, o hábito

de assistir a novelas, deva ser minimizado e portanto, visto como uma atividade quase inconsciente, impelida pelo fato de a televisão estar ligada e não se ter mais o que fazer. Neste sentido, a assistência à telenovela não é determinada por uma causa precisa, mas por um princípio de causalidade. A idéia de simplesmente sentar e assistir à telenovela é considerada nociva aos homens que dizem com orgulho não serem viciados como as mulheres nas telenovelas, apesar de acompanharem as histórias com certa assiduidade. É o que atesta Walter, 27anos, assistente de escritório:

*- É isso. Novela é coisa que a gente assiste quase sem querer. Eu passo pela sala, a tv tá ligada, né? Na Globo, né tá passando a novela. Aí, a mulher não desgruda de jeito nenhum, o jeito é sentar e assistir, aí quando a gente menos espera, tá ali, acompanhando, não digo gostando como a mulher, mas acompanhando.*

Os homens entrevistados para esta pesquisa sentem-se mais à vontade ao falarem de suas preferências por programas esportivos e informativos, e não por gêneros que se gestam na ficção, com exceção das minisséries. Geralmente, as minisséries são relacionadas, em seus discursos, a informações importantes sobre eventos da história brasileira que merecem a atenção masculina porque funcionam como mediadores de conhecimentos vistos como úteis para a formação das audiências. É o que atesta o depoimento de Raimundo, 42 anos, funcionário público:

*- Bem, eu prefiro assistir aos programas jornalísticos porque eles mostram o real, o que está acontecendo no mundo de verdade e hoje todo mundo tem que estar informado, conectado com o mundo. Agora, eu também assisto à novelinha,*

*apesar de preferir as minisséries. Você vê, as minisséries são muito mais bem feitas, principalmente na Globo com toda aquele preparo que ela tem. Você lembra de Anos Rebeldes, ali passou mesmo o que era o tempo da ditadura, coisa muito legal, que todo mundo tem que saber hoje em dia.*

O discurso de preferência dos homens pelos programas de esporte, telejornais e minisséries está inevitavelmente relacionado às situações de poder nas famílias. A preferência masculina por notícias, documentários ou esportes traduz, segundo a óptica dos homens, uma “natural superioridade” destes gêneros em face de outros correlatos, como a telenovela, por exemplo. Desta forma, creio que ao legitimarem, utilizando as expressões de Bourdieu, o seu gosto por intermédio de estratégias de distinção, os homens não só escamoteiam as lutas de sexo que ocorrem na intimidade dos lares, como também impõem suas próprias apreciações estéticas e seus regimes de assistência.

No entanto, se para alguns informantes, assistir às novelas deva ser algo a ser justificado socialmente, tendo em vista a sua relação com o mundo feminino, para outros, a novela, pode até ser coisa de mulher, mas é divertida, o que minimizaria a pecha de pertencer exclusivamente ao ambiente feminino. No entanto, este divertimento “salutar” está relacionado aos subgêneros que esse gênero narrativo comporta. As telenovelas mais apreciadas pelo universo masculino parecem estar relacionadas com as representações do universo rural, como relembra Carlos, 49 anos, bancário:

*- Eu gosto muito das novelas rurais, sabe? Como Gabriela, aquela sim que foi novela, tenho até gravada*

*todinha em vídeo, ah teve também Roque Santeiro, uma maravilha, O Bem Amado também. Sabe, se você tiver morado no interior com eu na época do banco, você encontra mesmo todos aqueles tipos bem exagerados, engraçadíssimos. Novela boa mesmo é com essas partes cômicas porque podem existir mesmo pessoas extravagantes, é interessante demais uma novela que retrate isso porque novela deve é divertir.*

Essa noção de que novela deve retratar a realidade vista no depoimento acima é recorrente no discurso masculino. A visão de que a telenovela conta “como a vida é” atua como um fator que minimiza a distância entre a personagem e o ator, criando a ilusão de que se trata de uma história “real”. Este aspecto de veracidade é exatamente o que os telespectadores esperam do gênero. Por isso, segundo a audiência das telenovelas, em especial, as masculinas, o mais importante numa novela é a história. Para os depoentes masculinos, tem que ser uma história que mostre eventos e acontecimentos do cotidiano. Este princípio de realidade revela-se na lógica de construção das personagens. É o que atesta Raimundo, 42anos, funcionário público:

*- Eu gosto de novelas porque elas tratam do dia-a-dia das pessoas comuns, das coisas que acontecem no cotidiano. São coisas que você sente, que embora sejam ficção, você vai encontrar determinados tipos, determinados personagens que vai se encaixar no dia-a-dia. São tramas que acontecem no cotidiano, né? É o cara pobre que venceu na vida trabalhando. É aquela doméstica que fica doida que chegue a folga pra ir pro pagode, né, aquela festinha, pra os forró, isso acontece com todo mundo.*

Neste sentido, a audiência masculina tem de estar apta a acreditar que as personagens construídas no texto são pessoas reais, agradáveis ou não, com quem possuem afinidades ou não. A realidade apresentada deve coincidir com a realidade social das pessoas ordinárias. Esta realidade deve ser reconhecível, comparada com o ambiente de cada um, deve ser provável, isto é, coerente e normal. A trama é chamada de não-realista quando se simplifica esta realidade. O princípio da realidade torna-se, assim, uma das razões do prazer que as audiências masculinas encontram ao assistir a uma telenovela. Mas, se a telenovela é vista pelo público masculino como um espelho da realidade, muitas vezes é reconhecida como um espelho distorcido, segundo a opinião de Carlos, 59 anos, bancário:

- Aquela Angêla entrava em tudo em que era canto e ninguém via, numa cidade como o Rio de Janeiro, que chega carro a toda hora, a segurança é a maior do mundo. Principalmente quando já havia tido um problema, toda hora tinha uma bomba ali e ninguém via entrar. Como é que pode? Novela tá uma coisa ridícula. Ninguém fecha uma porta, é tudo aberto, é absurdo, né?

Apesar das audiências femininas também reforçarem o princípio da realidade nas tramas, como atesta o trabalho de Andrade (2003), este não é, segundo a óptica feminina, o eixo da narrativa. Para as audiências femininas, o que nutre as telenovelas, que lhes dá força, vigor, contemporaneidade é sua capacidade de suscitar emoções, o que exige das audiências femininas uma resposta em risos, prantos, suores, palpitações e estremecimentos, tudo configurado no que chamamos

de emoções. Diz Isabel, 32 anos, jornalista:

*- Telenovela? É isso, é um pouco da questão da emoção. De você reviver a emoção cotidiana, de você se ver em alguns personagens. Não que seja uma identificação porque eles são muito idealizados, mas você embarca também muito no momento. A coisa te atrai, um personagem te atrai, mas é por conta disso, do compromisso da história da novela com a história da emoção. Acho que esta é a coisa mais forte nos personagens, ainda que às vezes eles sejam muito estereotipados. E por mais brega que se seja, você cai na coisa da emoção mesmo que às vezes carreguem nas tintas e que fique aquela coisa que a gente ri, mas, no final, o que vale é a reflexão que ela provoca e a emoção que ela causa.*

No entanto, apesar da ênfase nas emoções suscitadas pelas telenovelas aparecer com vigor nos depoimentos femininos em detrimento de sua pouca centralidade nos depoimentos masculinos, que enfatizam a sua necessária co-relação com o princípio da verossimilhança<sup>3</sup>, ambos os esquemas de percepção da telenovela esbarram com a maior das convenções do gênero: sua capacidade de provocar um forte engajamento emocional das audiências com suas tramas.

Charlotte Brusndom (1981) lembra que as audiências das telenovelas têm que estar aptas a se engajar emocionalmente na moral dos códigos de conduta das personagens. Assistir à telenovela é muito mais do que vê-la, é estar envolvido em sua trama, é se deixar levar pelo suspense, é compartilhar emoções com as personagens, discutir suas motivações psicológicas e suas condutas, decidindo o que é certo ou errado, em outras palavras, é viver seu mundo. A característica básica do

gênero é, neste sentido, o convite implícito no texto à especulação sobre julgamentos morais e/ou dilemas emocionais das personagens. É exatamente esse engajamento que atestam os depoimentos de Carlos, 59 anos, bancário e Isabel, 32 anos, jornalista:

- *É muita bobeira dele (Valdomiro), um homem de negócio, não perceber a mutreta aí, se fosse ele, mandava investigar, saber das coisas, pra depois tomar uma decisão. Não fez, vai se lascar, o que é uma pena porque é um cara simples, ganhou dinheiro, mas não ficou aquele deslumbrado, o emergente, que começa a querer mostrar e viver nas rodas, ele é fiel às origens dele, tem seu padrão.*

- *Olha, mas eu não sei se é privilégio do Valdomiro, ou se é do Wilker mas ele é encantador porque ele é rústico. Ele não é rude, é rústico porque ele tá atento, ele valoriza as coisas simples, ele é uma pessoa sensível. Aí ele vive nessa de ser uma pessoa simples, né, de ver as coisas assim da forma mais elementar possível, assim, mas que tem uma família com relações extremamente complicadas na qual ele já perdeu o domínio. Não que ele seja covarde, muito pelo contrário, ele faz o que lhe dá na telha. E depois se desdobra para administrar isso com as filhas. Mas, vai chegar uma hora que ele vai ter que dominar uma decisão e aí eu quero ver como é que a coisa se desenrola.*

Entrementes, se há diferenças e semelhanças na forma como homens e mulheres entendem as regras que conciliam o gênero, os modos de assistência desse bem cultural modificam-se ainda de acordo com os sexos. Gostaria, assim, de fazer aqui uma generalização sobre o significado das diferenças empíricas que minha pesquisa revelou entre os hábitos de ver dos homens e das

mulheres, em termos, do que lhes chama a atenção nas tramas, do que gostam de ver, quanto tempo vêem e os seus estilos de ver. Ressalto, no entanto, que eu não estou sugerindo que essas diferenças empíricas são atributos de sua essência biológica como homens e mulheres. Ao contrário, argumento, assim como Morley (1986), que essas diferenças são efeitos dos papéis sociais particulares que homens e mulheres ocupam em seus lares <sup>4</sup>.

No caso das audiências masculinas, seu regime de assistência é fixo, controlado e ininterrupto, no sentido de que os homens não gostam de, no momento da audição, terem sua atenção desfocada para eventos que ocorram fora da tela. Eles não só afirmam que, quando o fazem perdem o princípio de compreensibilidade da história, bem como se espantam pelo fato de suas mulheres não terem o mesmo regime de assistência. Joaquim, 57 anos, advogado diz:

*- Eu não consigo me concentrar se tem alguém falando enquanto estou assistindo, mas a Ana pode conversar com as crianças ao mesmo tempo que assistir, e meu Deus, como falam sem parar. Não sei como conseguem prestar atenção ao que tá passando. Eu apenas assisto, se converso perco o fio da meada. Às vezes, eu peço silêncio, psiu, dá pra fazer silêncio, mas não adianta muito.*

O próprio hábito masculino de ver telenovela está relacionado, por comparação, ao universo do trabalho no sentido de que a assistência masculina é sempre relacionada com o espaço do não-trabalho, o que configura a assistência da telenovela como uma espécie de não-tempo, um intervalo entre o final do dia de labuta e o início do próximo. Trata-se, portanto, de um momento

de relaxamento, de descanso, de esfriamento da cabeça com o mundo de faz de contas das personagens. Como explica Walter, 27 anos, assistente de escritório:

*- A novela funciona mais como relaxamento, né? Eu passo o dia me aborrecendo com as coisas lá do trabalho. Eu chego em casa já morto, com a cabeça cheia, não quero saber mais de problema. Quero relaxar com as histórias da novelinha, quem fica com quem, quem chifra quem, se a boazuda do pedaço vai mesmo encabelar o rapazinho. É tudo isso distrai a gente. Em casa a gente tem que ter um diferencial, né? Se for igual ao trabalho, não tô em casa de verdade.*

Lembro que o fato de as telenovelas serem assistidas em espaços domésticos tem um peso muito importante para a sua compreensão como fenômeno social porque contrasta com outros significados que podemos dar à assistência de outros produtos culturais, como um filme, por exemplo, que se vê numa sala impessoal de cinema. Como evoca Fiske (1987a), quando vamos ao cinema, de forma geral, estamos submetidos aos seus termos, mas a TV entra em nosso espaço cultural e se torna sujeito de nossos discursos.

A sala de estar, lembra Fiske, é um espaço cultural cujos significados diferenciam-se segundo o papel que cada membro da família desenvolve. Uma dona-de-casa pode ver a TV, no período diurno, na cozinha, como parte de seu labor doméstico e, à noite, na sala de estar, como parte de uma cultura do lazer que se estabelece dentro das relações familiares. Estes diferentes significados do espaço cultural da audiência resultam em discursos sociais diferenciados e em leituras diferenciadas deste produto cultural<sup>5</sup>.

Em contrapartida, se a assistência masculina

relaciona-se com a idéia de relaxamento, de um momento de distração, a feminina interage quase sempre com um sentimento de culpa e obrigação, talvez porque o ambiente doméstico não seja, como bem o atestou Morley (1986), somente uma esfera de lazer, como no caso masculino, mas um espaço de deveres e obrigações. Por conta desses inúmeros afazeres domésticos, a assistência feminina é distraída, obscura, quase sempre ocupada. O tempo ou a falta de tempo é algo citado constantemente pelas audiências femininas e freqüentemente burlado. Entre lavar a louça, limpar a cozinha, orientar o dever das crianças e realizar alguma tarefa de trabalho “de fora”, as informantes constroem modos diversos de assistir às telenovelas, verdadeiras táticas de resistência aos imperativos de suas condições de mães e esposas.

Maria Helena, 39 anos, agente administrativa confirma essa grande carga doméstica, presente no dia-a-dia, e ressalta que sua convivência ao se ver telenovela, que traduz-se numa atenção distraída, desfocada, mas presente.

*- Tem a janta e tudo, nem sempre dá pra acompanhar, assim, prestando atenção, nem todo dia eu assisto. Vou fazendo as coisas e vou olhando, aí quando aparece alguma cena boa, eu dou uma parada e assisto de verdade.*

As mulheres tendem a descrever o hábito de assistir a novelas como uma atividade social, envolvendo conversas e ao menos uma atividade doméstica pois têm o sentimento de que apenas assistir à novela, sem mais nada a fazer, poderá ser visto como um desperdício de tempo indefensável no universo de suas obrigações domésticas. Isto não significa que a atenção feminina

não possa ser atenta e silenciosa, mas isso só acontece em momentos mais dramáticos da narrativa, quando todos saem da sala ou quando a própria informante isola-se, por momentos, da vida social doméstica. Diz Ana, 38 anos, assistente de hospital:

*- A hora da novela é sagrada. Na hora do jornal, apesar de gostar de assistir, às vezes, eu me levanto porque vou botar o jantar dos meninos e tudo, mas na hora da novela não dá, aí, eu digo, não é possível, a hora da novela é a minha hora. Eu paro de verdade pra assistir. Mas, mesmo assim, não tenho sossego, se eu estiver assistindo na sala e sair de mansinho pro quarto, quando eu dou fê, já está tudo ao meu redor, sabe, é assim, um bota a perna, encosta ali no outro e já é a confusão, é a briga aí pronto, eu digo: menino, pelo amor de Deus, me deixa assistir à novela.*

Nos momentos de maior impacto dramático da narrativa, a intensa jornada doméstica que impede uma atenção focada também se interrompe. Às vezes, não se atende ao telefone, não se lava a louça enquanto se assiste a um momento mais emocionante da trama. Nessas ocasiões de alta densidade dramática, a ruptura neste acompanhamento só irá acontecer se alguma interferência externa exigir a presença da audiência fora dos domínios do privado, como necessidades de trabalho ou eventos sociais. Ressalta Vera, 54 anos, dona-de-casa:

*- Novela das oito é muito difícil a gente não assistir, só se tiver um casamento, né? Ou a não ser quando uma amiga vem visitar a gente, aí eu não me concentro porque senão a mulher pensa que eu tô só olhando pra televisão. Visita na hora de novela atrapalha demais. No dia da revelação sobre a explosão do shopping, meu sobrinho chegou e eu*

*gritei já vou, mas não consegui largar porque eu tava louca pra ver. Ele passou um tempão esperando lá fora. Quando eu cheguei estava escorado no poste eu disse: me desculpe, amor, é porque eu estava assistindo à novela.*

Neste sentido, diferentemente das audiências masculinas que vêem a assistência da telenovela simplesmente como um momento de descanso e relaxamento, o ato de assistir à telenovela fornece à audiência feminina a oportunidade de demarcar um espaço e um tempo somente seu, dentro de seus inúmeros afazeres e encargos diários e emocionais. Lembro que, além de se ocuparem dos “trabalhos do lar”, as mulheres têm de lidar com muitos membros diferentes, com diferentes humores e devem estar preparadas para lidar com vários problemas e conflitos no momento em que surgem.

A hora da novela é, portanto, para algumas mulheres, um momento de relaxamento desses múltiplos encargos, um momento de fuga para um mundo longínquo, mas, ao mesmo tempo, uma declaração de independência, um modo de resistir ou protestar contra a enorme carga de trabalho que carregam durante o dia. As mulheres utilizam, muitas vezes, o momento de assistir às telenovelas como um sinal de “não perturbe” para maridos e filhos. O hábito de assistir a telenovelas leva as audiências para longe das demandas psicológicas e emocionais que as direcionam a atender às necessidades físicas e afetivas de seus familiares.

Renata, 25anos, estilista de moda, no entanto, faz diferença entre assistir a uma telenovela e acompanhar uma telenovela. Acompanhar uma novela significa

conviver diariamente com a trama, enquanto ver uma telenovela parece ser uma atividade mais inconsciente, realizada enquanto não se tem “mais nada para fazer” ou quando se está realizando outras atividades e se quer ter certa distração.

*- E agora, a única que eu tô assistindo mesmo é esta que está começando agora... Como é mesmo o nome? Suave Veneno. Agora é assim porque começou também agora, tava assistindo a outra, Torre de Babel e agora estou assistindo essa. E as outras dos outros horários, eu não tenho interesse, agora, quando tenho tempo, quando eu não estou fazendo nada, acabo assistindo, mas não acompanhando.*

Este acompanhamento mencionado por Renata não significa, necessariamente, assisti-las todos os dias. O acesso das audiências, em especial as femininas, às revistas especializadas ou aos jornais diários que contam em detalhes os acontecimentos que irão ao ar, dia a dia, é uma forma prática de se informar sobre os capítulos que foram perdidos ou mesmo selecionar aqueles que se deseja ver em especial, como o momento de revelação pública de um adultério, por exemplo. As audiências femininas não só se divertem com o que vai acontecer com as personagens, como também têm profundo prazer em ver como vai acontecer. O conhecimento proveniente das revistas especializadas as provê de informações sobre os próximos eventos, mas tal conhecimento não as desencoraja a ver os capítulos que ainda irão ao ar, pelo contrário, podem inclusive funcionar como estimulantes. Além disso, agem como uma memória do gênero. A perda de um capítulo qualquer pode ser remediada, porque este

foi conhecido pela leitura nas revistas especializadas.

O mesmo fenômeno ocorre com as audiências masculinas. Da mesma forma como as femininas, o fato de os homens também saberem os desdobramentos da trama (não pelo acesso direto às revistas especializadas, mas pelos comentários que o consumo feminino dessas revistas proporcionam ao lar) não os impede de continuar a acompanhar os capítulos. Na verdade, a audiência masculina tem um prazer especial em perceber como de fato aquele evento, já previsto, vai ser abordado na trama. Para a audiência masculina, telenovela é um exercício de dedução, de saber se o que se pensa que vai acontecer, acontece de verdade. É o que atesta, Raimundo, 42, funcionário público:

*- Novela é um negócio interessante. Eu me divirto em ficar ali, matutando, tentando adivinhar como é que aquele troço vai ser interpretado na trama pelo ator, qual vai ser a reação assim na cara do personagem. Às vezes, a gente nem sabe pela mulher, aí a gente chuta e quando se confirma o que a gente pensou, é legal, né?*

As constantes referências ao uso das revistas especializadas, em especial, no caso feminino, nos faz pensar que estamos diante do que podemos chamar, assim como Barthes (1972) e Fiske (1987b), de intertextualidade, ou o que Bahtkine (1998) chama de dialogismo<sup>6</sup>. A intertextualidade aqui consiste na relação dos argumentos das telenovelas, que chamo, neste contexto, de primários, com outros textos que se referem especificamente a elas, ao quais denomino de secundários. Estes textos secundários, como a crítica e a publicidade, trabalham para promover a circulação de significados difundidos

pelos textos primários. O texto terciário será, então, o texto final, que circula no plano das audiências e de suas relações sociais e que se concretiza por intermédio de conversas cotidianas das audiências, onde terá lugar, tanto na esfera pública como na privada.

No geral, as mulheres tendem a ter menos relutância em admitir que conversam sobre as telenovelas com amigos e familiares do que os homens. Poucos homens, durante a pesquisa, admitiram fazê-lo. Os homens sentem que, mais do que assistir à telenovela, conversar sobre ela pode pôr em jogo sua masculinidade. É socialmente aceito e até incentivado a conversas sobre notícias ou esportes, mas não sobre os eventos das telenovelas. As diferenças entre estas duas posturas podem ser vistas claramente nos depoimentos de Walter, 27 anos, assistente de escritório e Maria Helena, 39 anos, agente administrativa:

*- Assistir, eu até assisto à novela, mas falar sobre ela já é demais. É dar muita importância às besteiras lá dos personagens. Isso é coisa de salão de beleza. Já pensou, eu, na parada do ônibus, ficar que nem a mulher do dono da banca da esquina fofocando sobre o que fulano ou beltrano fez na novela, pega mal.*

*- Acho o maior barato conversar sobre novela, menina, é bom pra dedel. Quem vai ficar com quem, quem vai casar com quem, quem vai engravidar, tudo isso gera uma coisa legal. E quando a gente consegue ler nas revistas, aí melhora porque a colega lá no trabalho diz: eu acho que fulano vai acabar chifrando a moça lá, aí eu saio assim, não tem disso não, tu tá é desinformada, ele não chifra não, é ela quem vai chifrar ele com o outro, o abestadinho lá.*

Por fim, sinalizo que, se de forma geral, minha pesquisa pôde fazer uma leitura das audiências das telenovelas, tendo apenas como traço distintivo a questão de sexo, deve-se acrescentar às reflexões, aqui realizadas, as elaborações que falem de influências de classe, de idade, religiosidade ou capital cultural imediato. Esses novos contextos introduzem variáveis significativas na experiência dessas pessoas que ultrapassam o recorte aqui realizado, construindo uma outra etnografia diferente da apresentada neste trabalho.

Neste sentido, asseguro que o significado das telenovelas muda através das classes, dos sexos, das gerações e pouco sabemos sobre estas mudanças. As reflexões sobre as teleficções seriadas e suas audiências têm ocupado diferentes lugares e construído diversificados significados culturais que minha análise, naturalmente, não pôde abarcar. Deixo, assim, a outros, a aventura de se embrenhar por caminhos que não pude ou não ousei empreender no momento.

## Notas

<sup>1</sup>. A seleção de informantes para esta pesquisa foi feita por meio de indicações de vizinhos, pessoas da família, colegas de trabalho, amigos e amigos de amigos. O único critério exigido foi o de possuir hábitos de consumo que incluíssem o de assistir a telenovelas. Nesta pesquisa, trabalhei diretamente com doze pessoas, com capitais econômicos, culturais e sociais diversificados. São donas-de-casa, bancários, professores, funcionários públicos, jornalistas, costureiras, estilistas de moda, agentes administrativos, atendentes de hospital, assistentes de escritório e advogados. Casados, solteiros e divorciados, com números de filhos variados, possuem grau de instrução diferenciados que vão desde a simples educação básica à universidade. Os nomes dos depoentes aqui relacionados são fictícios.

<sup>2</sup>. A verossimilhança, na expressão de Aristóteles, não está na adequação daquilo que aconteceu, mas naquilo que poderia ter acontecido. No entanto, lembro ainda que seria incorreto aplicar aos enunciados fictícios critérios de veracidade cognoscente. Como anota Anatol Rosenfeld (1998), sentimos que uma obra nos apresenta uma certa visão da realidade sem que seja possível verificar a maioria de suas proposições. Quando dizemos que uma novela é falsa o faremos porque percebemos que nela se aplicam padrões de contos-da-carochinha a situações que pretendem representar a realidade. Os mesmos padrões que funcionam muito bem no mundo mágico-demoníaco do conto de fadas revelam-se falsos e caricatos quando aplicados à representação do universo profano de nossa sociedade atual.

<sup>3</sup>. Não estou sugerindo que as diferenças de gênero que aqui encontrei e suas relações com o mundo da casa possam ser necessariamente ampliadas em núcleos sociais/familiares diferentes. Exemplifico aqui, com esses depoimentos, que os sexos interagem e se formam em diferentes contextos.

<sup>4</sup>. Ressalto que, esses “regimes de assistência” são profundamente influenciados pelo ambiente em que ocorrem. Ver telenovelas em casa não é a mesma coisa que vê-las em uma sala de espera do dentista, tampouco na casa de amigos e parentes. No próprio lar, a escolha do local de assistência também constrói uma série de outros significados. Assistir à novela na sala de estar não é igual a vê-la na cozinha ou na intimidade dos dormitórios. O mesmo fenômeno

ocorre em relação ao horário em que ligamos o televisor.

<sup>5</sup>. A intertextualidade se baseia na concepção de que nenhum texto pode ser lido sem relação com outros e que, portanto, quando interpretamos um livro, uma peça teatral, um filme, ou uma telenovela, estamos colocando em jogo, direta ou indiretamente, um amálgama de outros conhecimentos que vêm de outros textos trazidos inevitavelmente para o primeiro.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Roberta Manuela Barros. *O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela*. São Paulo: Annablume, 2003.

BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1998.

BARTHES, R. *Mitologies*. Londres: Paladin, 1972 .

BRUNSDOM, Charlotte. *Crossroad: notes on soap-opera*. Screen: 22(4), 1981.

ROSENFELD, A. et al. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FISKE, J. *Television culture*. Londres: Methuen, 1987b

FISKE, John. "British cultural studies and television criticism." In: ALLEN, Robert C.(org): *Channels of discourse: television contemporary criticism*. Londres: methuen, 1987a.

MORLEY, D. *Family television, cultural power and domestic leisure*. London: Comedia Publishing Group, 1986.

A autora é graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. É professora titular do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia, Narrativas Ficcionalis e Cultura de Massa (CNPq/Funcap).